

TU

**TU É GATA
STÉFANI
GARCIA**

TODA A BELEZA
DESTA MULHER LINDA
E BATALHADORA

**TU ENTREVISTOU
PICURUTA
SALAZAR**

UMA ENTREVISTA
SENSACIONAL COM
O MAIOR COLECIONADOR
DE TÍTULOS DE SURF
DO BRASIL

**TU PELO MUNDO
JIJOCA DE
JERICOACOARA**

O PARAÍSO NO LITORAL DO
CEARÁ PARA QUEM QUER
FICAR NUMA BOA

LUTE POR SEUS SONHOS



FERNANDO
DE SANTIS



THIAGO
SOUTO

Já “flertávamos” com a Stéfani Garcia há um tempo. Chamamos para sair na seção **TU É GATA** meses atrás e ela aceitou. Pouco depois, infelizmente devido à doença dela, tivemos que adiar. Edições passaram, estávamos em reunião de pauta discutindo qual moça poderíamos convidar para ser a nossa próxima capa, quando recebemos uma mensagem da Sté. Ela estava pronta! Agora vai! Um dos ensaios mais bonitos, com uma das histórias mais emocionantes. Impressionante vê-la na nossa frente, linda, sorrindo, de bem com a vida. Imaginando tudo que ela passou (e ainda passa). São diversas batalhas. E finalmente, ela está vencendo a guerra.

Essa edição está cheia de lindas histórias. Em nossas viagens, depois de visitar Bonito/MS na edição passada, continuamos no Brasil, visitando mais um paraíso. O destino escolhido desta vez foi Jijoca de Jericoacoara, no Ceará. Também conversamos com a lenda Picuruta Salazar, o surfista brasileiro com mais títulos e mais histórias para contar! Em **TU TEM O QUE FALAR**, conhecemos o João Formiguinha, promessa do skate na Baixada Santista que, com apenas dezesseis anos de idade, já está conquistando títulos e fãs pelo Brasil. Mais um sonho se realizando. Além disso, nossos colunistas fixos dão aquelas dicas espertas de cerveja, receitas, acompanhamento de vinho, restaurantes, música e claro, vocês, no *#eusoutu*.

O que te faz acordar todos os dias? O que te faz seguir em frente? O que te impede de correr atrás dos seus sonhos? Tentar fazer a viagem dos seus sonhos? Tentar a carreira dos seus sonhos? Corra atrás e lute por isso. Só não deixe de tentar e lutar. **TU**

ELES FAZEM A TU

textos
\danilo rocha
\fernando de santis
\luana schunck
\nicolas póvoas
\thays cardozo
\thiago souto

fotos
\fernando de santis
\thiago souto

diagramação
\thiago souto

revisão
\mariana tassi
\murilo Moraes

maquiagem
\aline malafaia
instagram.com/alinemalafaia



#06

TU ENTREVISTOU

#16

TU PELO MUNDO



#24

TU É GATA

#42

TU TEM O QUE FALAR



#50

TU COMEU

#54

TU NA COZINHA



Agora também
em Santos



O BAR PERFEITO PARA
CURTIR COM SEUS AMIGOS
E A LOJA COMPLETA
PARA FAZER SEU
CHURRASCO EM CASA.
TUDO EM UM SÓ LUGAR!

SambaHotShop

RODÍZIO DE
ESPETOS

25 TIPOS DE ESPETOS
DE TERÇA A QUINTA

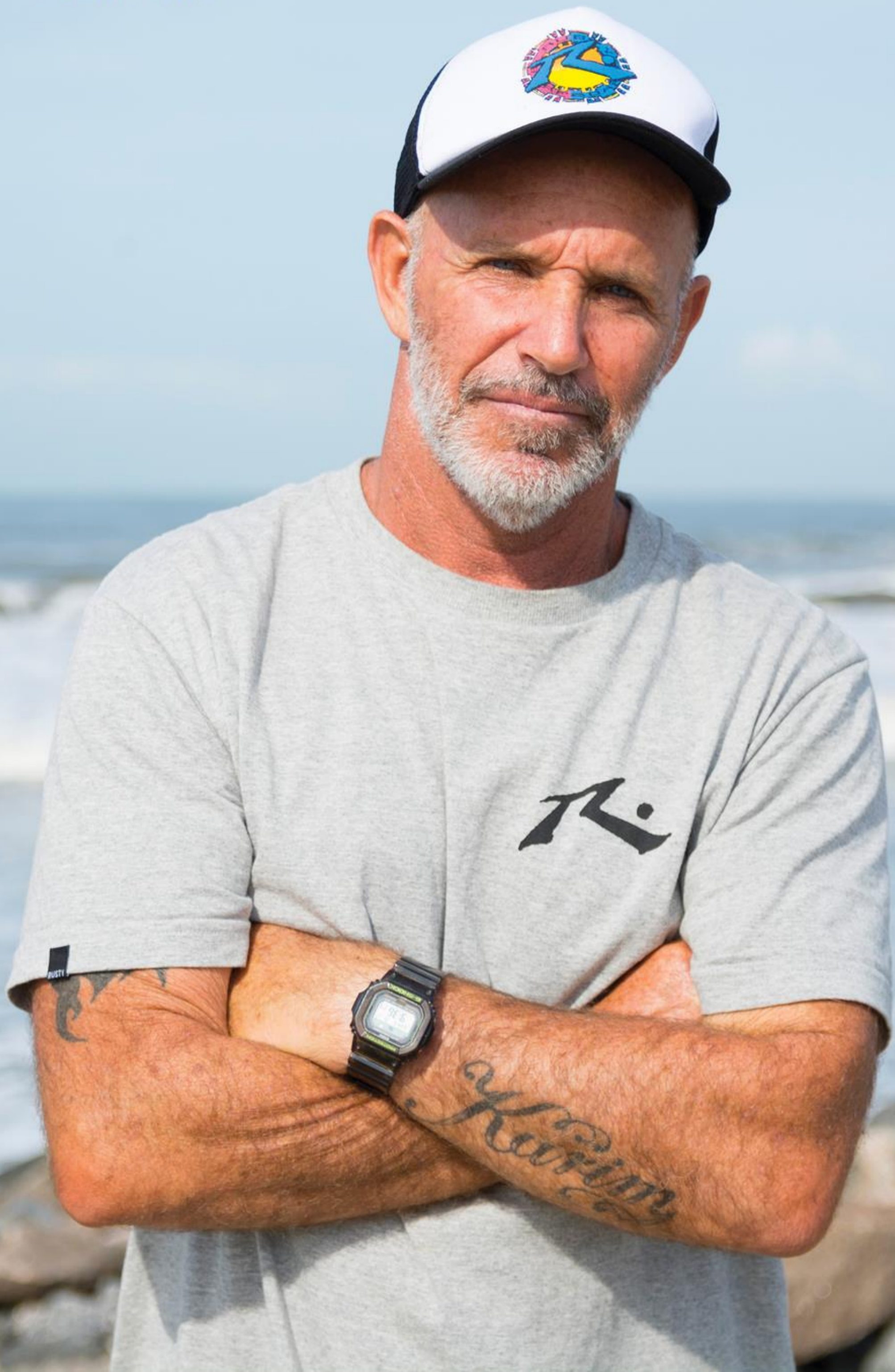
TODOS OS DIAS
Chopp
EM DOBRO

2 POR R\$ 10



SANTOS AV. DR. BERNARDINO DE CAMPOS, 129 - CAMPO GRANDE - 13 3348.9606
SÃO BERNARDO DO CAMPO AV. SENADOR VERGUEIRO, 4050 - RUDGE RAMOS - 11 4317.4751

VIVA
LACARNE
BAR AND BOUTIQUE



PICURUTA SALAZAR

Quando se fala de surf em Santos, o primeiro nome que vem na cabeça é Picuruta Salazar. De uma família de surfistas, onde o talento vem passando para seus filhos, Alexandre Salazar Júnior é recordista brasileiro de títulos profissionais, com 169 canecos na conta, sendo 10x campeão brasileiro e 3x vice mundial. Sempre tirando um sarro da galera nos seus lives quase diários no Facebook, ele se sente em casa no Emissário, onde também tem sua escola de surf. Foi lá, na torre do Quebra-Mar, com um visual sensacional, que o Gato deu uma pausa nas gravações de um filme sobre seus 48 anos de surf para nos receber e bater um papo. Confira agora nossa entrevista com esse patrimônio vivo do surf e de Santos.

texto
\\fernando de santis
\\thiago soutu

fotos
\\fernando de santis
\\acervo pessoal

TU – De onde nasceu esta sua paixão pelo surf?

Picuruta Salazar – Minha paixão pelo surf nasceu nos anos 60. Eu venho de uma família de 3 irmãos, eu, o Almir e o Lequinho, o mais velho. Aos finais de semana, nós acompanhávamos o meu pai, que vinha jogar bola no Canal 1. O Lequinho tinha um *longboard* daqueles bem pesados, que tinha 40 kg e na água chegava a pesar 60 kg. Ele ia surfar e eu ficava na beira d'água. Tinha 8 anos de idade e ficava olhando aquilo com a maior curiosidade. O Lequinho queria que eu fosse pegar onda, mas eu tinha um pouquinho de medo do mar. Até que um dia, ele me colocou de pé e foi o *start* pra começar a pegar onda e nunca mais parar. Aí eu lembro que meu pai me deu uma prancha daquelas Guarujá de isopor e eu passava o dia inteiro surfando naquilo ali. Era uma dificuldade tremenda, mas aos 8 anos de idade, eu conseguia ficar de pé naquela pranchinha. Depois, ele me deu uma prancha de verdade e eu passei a me dedicar completamente ao surf.

TU – Daí para se profissionalizar, como foi?

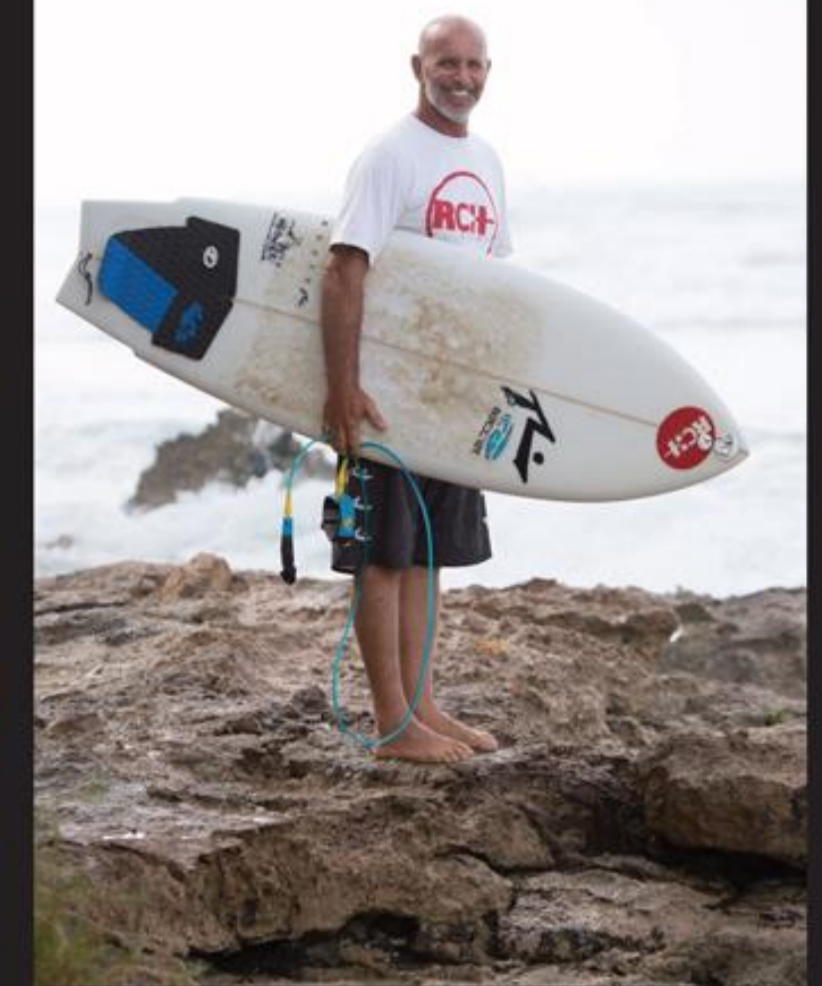
PS – O profissionalismo mesmo veio na época de 80. Na década de 70, eu e os meus irmãos tínhamos o nosso primeiro patrocínio, que foi da marca Twin (Surf Shop), onde a gente ganhava prancha, camisa, parafina. Não tinha dinheiro. O surf era um esporte muito marginalizado.

Meu pai foi muito criticado por isso. “Seus filhos querem ser surfistas? É um esporte de vagabundo.” O pessoal ia trabalhar e via a gente na praia pegando onda e chamavam a gente de “vagal”. Tinha uma imagem muito negativa, mas a gente conseguiu superar tudo isso. Tinha o apoio dos meus pais, que era o que a gente precisava. Eles acreditaram e não tinha como a gente não vencer naquilo que a gente gostava de fazer.

TU – E como foi isso, esse apoio dos seus pais?

PS – Eu me lembro que, quando eu tinha 14 ou 15 anos, o meu pai cansou de colocar a gente na escola, pois viu que a gente não queria estudar. Queríamos ser surfistas. Então meu pai falou que se a gente queria isso, a gente tinha que fazer bem feito para não se arrepender no futuro. Foi quando nos dedicamos 100% ao surf. O Lequinho jogava futebol. Ele recebeu uma proposta pra fazer um teste no Fluminense, no Rio de Janeiro. No dia do teste tinham várias ondas e ele nem apareceu... (risos) Ficou surfando. Meu irmão Almir já era formado como torneiro mecânico pelo SENAI e começou a fazer umas pranchas de isopor em casa com ralador de coco. E eu fui no embalo, também me dedicando ao surf. Quando meu pai chegava do trabalho e via a gente em casa, ele falava: “O que vocês estão fazendo aqui?”. “A gente está descansando”,

“MEU PAI FOI MUITO CRITICADO POR ISSO (SURF). ‘SEUS FILHOS QUEREM SER SURFISTAS? É UM ESPORTE DE VAGABUNDO.’ MAS A GENTE CONSEGUIU SUPERAR TUDO ISSO. TINHA O APOIO DOS MEUS PAIS, QUE ERA O QUE A GENTE PRECISAVA.”



Ao lado, gravando os seus tradicionais e divertidos *lives* do Facebook, no topo da torre no Quebra-Mar. Acima, Picuruta se prepara para fazer o que faz de melhor: surfar.

respondíamos. “Descansando não! Vocês não queriam ser surfistas? Volta pra praia!” Então, a gente passava o dia inteiro na praia. Meu pai era mecânico e minha mãe era costureira. Não tínhamos dinheiro. A gente ficava com fome, então comia cuca na praia. Na época de jambolão, a gente ia no Orquidário ficar comendo jambolão. Ficava roxo. (risos). E se não tinha onda aqui, a gente aproveitava que o trem passava mais devagar perto de casa e subia nele com prancha, pra surfar lá na Divisa. Porque ali tinha uma curva e o trem diminuía, então a gente pulava no mato pra pegar onda no Itararé. E vinha de lá pra cá, sem um centavo no bolso. Daí, se arranjava um pão, enchia de açúcar e vinha comendo. E quando o trem não diminuía na curva? A gente ia parar lá em

Peruíbe, Pedro de Toledo, Itanhaém (risos)... chegava de noite em casa. Meu pai ficava louco! A gente aprontava. Quando ia surfar de madrugada, os caras colocavam o leite e média nas portas das casas. Aquilo era moleza! (risos) A gente levava tudo. Levava o leite, o pão, até o jornal (risos)... Vida de moleque!

TU – E você falou do Itararé. Vocês conseguiram ir para o Guarujá? Quais picos vocês iam?

PS – O Guarujá, no Tombo, que era mais perto, ou Pitangueiras, que era mais difícil de ir, porque tinha que atravessar a balsa. Só que era tudo barro. A gente chegou a ir de bicicleta muitas vezes. E quando começamos a ter uma condição um pouco melhor, e conseguimos um carro ou uma moto, a gente ia para

a Praia de Pernambuco. Lá era a segunda praia do santista, e quando não tinha onda aqui, a gente ia para lá. Passava o dia inteiro lá surfando. Aí, tinham aqueles bailinhos no Caiçara ou no Sírio, vinham os caras do Guarujá e a gente arrumava briga. E quando ia no Tombo, apanhava. Vinha até a balsa apanhando (risos). Era coisa de molecada. Hoje em dia, não dá para brigar com ninguém que o cara pega um revólver e quer te matar. Mas era uma briga sadia, uma rixa do surf. E hoje, são pessoas criadas, pais de família e somos todos amigos. A tribo do surf é uma só e isso que é bacana.



“COM ESSES 8.000 KM DE PRAIAS PELO BRASIL E COM A QUANTIDADE DE SURFISTAS COM TALENTO QUE TEMOS AQUI, SE HOUVESSE UM TRABALHO DE BASE E MARCAS INVESTINDO FORTE, NÓS TERÍAMOS 10 MEDINAS, 20 MINEIRINHOS.”

queria patrocinar lá fora por causa desta questão de cor. Era um racismo tremendo. Os caras gostavam de patrocinar loirinho de olho azul. O que não tem nada a ver. Tem que focar no talento, não na cor ou raça. É uma coisa que não tem nada a ver. E outra coisa, com esses 8 mil quilômetros de praias que a gente tem pelo Brasil e com a quantidade de surfistas com talento que temos aqui, se houvesse um trabalho de base e marcas investindo forte, nós teríamos 10 Medinas, 20 Mineirinhos. Mas as pessoas não têm condições financeiras e não tem apoio. Aí acaba desviando na metade do caminho, pois não dá pra sobreviver.

TU – Essas rixas rolam muito por causa desse lance de ser *local*...

PS – Pois é. Às vezes eu falo que existe muito localismo nos lugares. E não deve existir esse lance do famoso *local hero*, que briga no seu pico. O cara que viaja pelo mundo, que tem outro tipo de mentalidade, não pode arranjar briga. Hoje, não adianta eu espantar um cara aqui do Quebra-Mar que amanhã eu posso estar no Tombo e encontrar o cara lá. Como eu já encontrei amigos meus, que eu já briguei no Guarujá, indo para Bali. Daqui para Bali é uma eternidade de avião. Então você vê como o mundo é pequeno e não combina. Só tem que haver respeito. Você respeita para ser respeitado. Chega num pico que você não é local, não sai remando. Fica olhando, pega

uma onda, se sobrar pega duas, converse com os caras. Não vai naquela que você é melhor que todo mundo, porque ninguém é melhor que ninguém. Assim você vai acabar pegando onda, vai curtir, fazer novos amigos e vai se dar bem. Eu digo que, na realidade, o verdadeiro *local* é o coqueiro, que mora na praia (risos).

TU – E voltando para a questão do patrocínio. Você acha que o hoje é mais fácil do que na época que você começou?

PS – Não é bem “fácil”. Para você ter uma ideia, tem muito surfista que tem o mesmo nível do Mineirinho e do Medina, mas não tem patrocínio. É tudo um jogo de interesses. Você pode ser um baita de um estrela, mas se não for a cara da marca, os caras não vão te patrocinar. Eu lembro que o Jojó (Oliveira) e o Tinguinha (Lima), que eram dois caras que eram surfistas de ponta, chegaram a ser do WSL (World Surf League), eram negros. A Billabong patrocinava o Jojó aqui no Brasil, mas não

TU – Até falando desse trabalho de base, tem a sua escola de surf aqui no Quebra-Mar. Como funciona?

PS – É um trabalho que fazemos em parceria com a Prefeitura de Santos e a Secretaria de Esportes. Com a escolinha a gente tenta revelar novos talentos. Eu tento fazer uma parceria com o Cisco (Araña), pois ele dá aula ali de iniciação no Canal 2. A escola dele é a primeira escola pública de surf do Brasil. E os surfistas que vão se destacando lá, a gente começa a treinar. Hoje, se você vier aqui e me falar que nunca pegou onda na vida, eu te ponho de pé no primeiro dia. Isso eu te prometo. Mas aí que tá o problema, o cara aprende a ficar de pé e já acha que sabe surfar. Não volta mais às aulas. Enquanto, na realidade, o saber surfar é você pegar a onda,

saber a leitura da onda, saber o seu posicionamento para entrar na onda... Isso é surfar. O “ficar de pé” você apenas aprendeu a ficar de pé. Então, aquele cara que você achava que tinha talento, que você queria ajudar, acaba se desviando. Por isso que eu falo que para fazer um trabalho de base, pra surgirem novos talentos, como a Associação Santista de Surf vem fazendo com a molecadinha aqui em cima do Emissário, você tem que pegar aqueles molequinhos que mais precisam. Da Zona Noroeste, México 70... Aqueles moleques que sabem que é dali que eles podem tirar o sustento. As pessoas que mais se dedicam e se destacam são pessoas mais humildes, mais pobres, que precisam. Eu vejo

as pessoas que moram na beira da praia, que têm condições de se tornarem grandes surfistas, não se dedicarem. Porque tem aquela mordomia de morar na frente da praia, do pai dar uma prancha ou uma roupa de borracha. Se eu tiver dinheiro, eu transformo meu filho em um surfista. Vou na loja e compro tudo pra ele. Mas para você ser um verdadeiro campeão, você tem que ser um surfista ideal, gostar de fazer aquilo.

No Quebra-Mar, em Santos, Picuruta se sente em casa. Além de cuidar da sua escola de surf, brinca com todo mundo, tira sarro dos conhecidos. É o seu quintal.



TU – E por ser o berço do surf no Brasil, como você vê cenário aqui em Santos?

PS – Santos sempre foi um lugar com muito surfista com talento. Além de mim, aqui teve meus irmãos Almir e Lequinho, o Renatinho Wanderley, que fez parte da elite mundial, o Piu (Pereira), o Zé Paulo, o Daniel Miranda...enfim, a gente tem uma série de surfistas aqui fantásticos, só que as pessoas não tinham tanto apoio para poder se manter no circuito. Era muito ruim.

TU – Hoje ainda falta muito apoio regional?

PS – Ninguém quer patrocinar. Santos tem milhares de lojas e que não patrocinam ninguém. O comércio tá difícil. E poxa, com a quantidade de surfistas que tem aqui em Santos, era para ter etapa de um Brasileiro Profissional todo ano. Mas só temos o estadual para revelar a molecada. Olha isso, esse parque fantástico (apontando para o Quebra-Mar)! Era para ter campeonato sempre!



Acima, Picuruta faz pose imitando um gato, seu famoso apelido. Abaixo, acompanhando seu filho Matheus, que junto com o irmão Leco, campeão mundial no SUP, seguem a linhagem surfista da família. O mar está no sangue.

TU – Você acha que o surf está na moda, com as conquistas do Medina e Mineirinho? O brasileiro gosta de quem é vencedor? Você acha que o brasileiro gosta de surf hoje porque tem vencedor e, se um dia parar de vencer, ele vai parar de se interessar pelo surf?

PS – A gente espera que não. Até porque, você vê cada vez mais brasileiros entrando no circuito mundial. Mas mesmo se você parar para pensar que temos dois campeões, era para o surf estar em alta no Brasil, mas não está. Está em alta para quem corre o circuito. Todos são patrocinados pela Oi. Aí o circuito chega no Rio e a Oi coloca R\$ 5 milhões no campeonato, uma vez por ano. Por que não põe

R\$ 4 milhões, e com este outro R\$ 1 milhão, não faz um circuito brasileiro forte pra revelar talentos novos? Aposta todo o dinheiro em um só campeonato? Só em 8 atletas que estão ali representando o Brasil? Eu acho uma ignorância do cara que faz o marketing disso. Porque você poderia ajudar a nova geração e continuar patrocinando a molecada do *Brazilian Storm*, que está levando a bandeira que nós iniciamos na década de 60, com os caras que começaram antes de mim, depois o Picuruta e as gerações que vieram.



TU – E esse pessoal reconhece isso?

PS – Às vezes a gente acha que não. Porque tu não vê ninguém falando disso. É isso que o brasileiro não dá valor para a história. Quando eu vou lá fora, numa feira de surf, tem uma fila enorme. Pergunto se é o Kelly Slater. “Não. É o Greg Noll.” Ele é um surfista da década de 60, que pegava ondas grandes e parou de surfar quando pegou a maior onda da vida dele, 30 pés no Havaí. Hoje, ele tem 80 anos e todo mundo quer tirar foto com o cara. Às vezes o Picuruta fica aqui e os que mais vem são caras de fora tirar foto. Mais do que o pessoal da minha própria cidade. Então, a galera não mantém aquela história. Mas é assim mesmo, é do brasileiro. O famoso “santo de casa não faz milagre”. (Picuruta interrompe sua resposta e aponta pela janela, na direção de um surfista em um SUP com um cachorro em cima) Olha o Parafina descendo a onda!

TU – O Parafina é uma coisa que a gente queria falar. Como ele apareceu para você?

PS – O Parafina surgiu há sete anos. Foi durante o final do ano, na queima de fogos, que muitos cachorros se espantam e ficam com medo. E ele apareceu aí. Daí, começou a conviver com a galera e vimos que ele realmente gostava de ficar com a gente. O salva vidas entrava na água pra nadar e ele ia junto. Chegava a andar no jet-ski dele. E eu queria que ele ficasse morando na minha escolinha (onde moram diversos outros cachorros), só que ele é um cachorro que nasceu para ser livre, ele não queria ficar preso. Então ele dormia lá no Posto de Salva Vidas e vinha logo de manhã pra cá. Um dia, quando começou a surgir o Stand Up, eu coloquei a prancha na água e ele subiu em cima pra ir junto. De lá pra cá, ele pegou aquele gosto e nunca mais parou. E acabou virando o Parafina, a maior paixão da galera aí. Está se preparando para o Mundial na Califórnia (risos). Vai nos representar lá.

“VOCÊ VÊ CADA VEZ MAIS BRASILEIROS ENTRANDO NO CIRCUITO MUNDIAL. MAS MESMO SE VOCÊ PARAR PARA PENSAR QUE TEMOS DOIS CAMPEÕES, ERA PARA O SURF ESTAR EM ALTA NO BRASIL, MAS NÃO ESTÁ. ESTÁ EM ALTA PARA QUEM CORRE O CIRCUITO.”

TU ENTREVISTOU

TU – Além da marca impressionante de 169 títulos no surf, que é um recorde no esporte, talvez um dos seus maiores feitos foi surfar a pororoca. Como foi essa experiência?

PS – Eu já fui umas 5 ou 6 vezes. Fiz várias matérias. Numa delas fiz um filme com a Red Bull com o Carlos Burle, o Eraldo Gueiros, o Guga Arruda, o Sininho e o Ross Clarke Jones. Era para ter sido o Kelly Slater e o Shane Dorian, mas eles acabaram não indo e acabou sobrando pra mim. Eu ia ser o piloto do jet-ski do Carlos Burle e acabei virando o artista do filme. E acabei surfando 35 minutos numa onda, durante 12km. Foi fantástico! É bem diferente da praia, pois não tem fundo. Então você tem que ficar sempre lendo a onda, porque ela começa a sumir e a espuma começa a quebrar 10 metros para lá. Você tem que ir na maior velocidade para pegar aquela espuma, então você vai indo para lá e pra cá nos 3km de largura do rio. E cheio de perigos. Galhos na água e o vento. Tem um peixe, o candirú que pode entrar na uretra e piranha pra caramba. Eu ficava com medo, pois se eu me cortasse ali em um galho, eu ia me machucar. Mas o lugar é um paraíso. E quando acontece esse encontro do rio com o mar, você consegue ouvir o barulho de muito longe. Os pássaros saem voando, o gado sai correndo. Eles ficam com medo. Mas o mais bacana são os botos cor-de-rosa que vem na onda. É fantástico!

O Gato prova para todo mundo que não tem nada disso de surfista veterano. Seja na pranchinha (acima), no longboard ou no SUP (ao lado), ele rasga as ondas.



TU – Qual sua dica pra quem quer começar a surfar?

PS – Se você não sabe, procura uma escola. Procura o pessoal que tem formação em surf. Porque isso é mais bacana. Às vezes, o que mais acontece é de o cara aparecer aqui na escolinha com uma prancha e falar: “Pô, comprei uma prancha e não sei surfar”. Já começou errado. Tu não vai comprar um carro se você não sabe dirigir. Então aprende primeiro e depois compra a prancha. Porque às vezes você tem um amigo que quer vender a prancha dele pra trocar. A dele servia pra ele, mas pode não servir pra você. E aí ele te leva pra surfar,

vai lá pro fundo e fala: “Vem, cagão!” E tu não sabe, acaba indo e na hora do sufoco ele vai pular fora e você vai ficar ali. Então, respeita o mar, fica no rasiinho. Não é vergonha. Começa no bê-à-bá para que um dia você possa chegar no upside com segurança e com respeito.

TU – E pra finalizar. Por que o nome Picuruta?

PS – Porque eu era pequenininho e gordinho. Gostosinho (risos). E aquela coisa de vô de ficar apertando as bochechas. “Ai, picuruchinho!” (risos) Aí acabou ficando Picuruta. **TU**



Seja a
mulher
da sua
Vida!

CONHEÇA AS
NOSSAS BIJUS
NO ENSAIO
DESTA EDIÇÃO
E NA NOSSA LOJA
EM SANTOS.

Rua Pindorama, 09 - Boqueirão - Santos - SP

[f](#) bijuteriasmaribijus [@](#) maribijus

MARIBIJUS

PRA FIGAR NUMA BOA

texto
\\ fernando de santis
\\ luana schunck
fotos
\\ fernando de santis

EM JIJOCA DE
JERICOACOARA/CE



Sempre tive vontade de conhecer Jericoacoara e, principalmente, a Lagoa de Jijoca, no Ceará. Achava os nomes peculiares e, numa dessas férias, surgiu a oportunidade de conhecer. Partimos para Jeri eu e a minha esposa, Luana. Para chegar lá existem alguns caminhos, não é só chegar de avião e pronto. Descemos em Fortaleza e passamos uns dias, afinal, já estávamos lá e depois fomos para Jeri.

O NOME DIFERENTE VEM DO TUPI. JIJOCA QUER DIZER MORADA DAS RÃS, ENQUANTO JERICOACOARA É A TOCA DAS TARTARUGAS.

Ao lado, âncora de um dos barcos de pescadores na praia de Jericoacoara. Se antigamente a cidade era uma vila de pescadores, hoje ela vive principalmente do turismo.



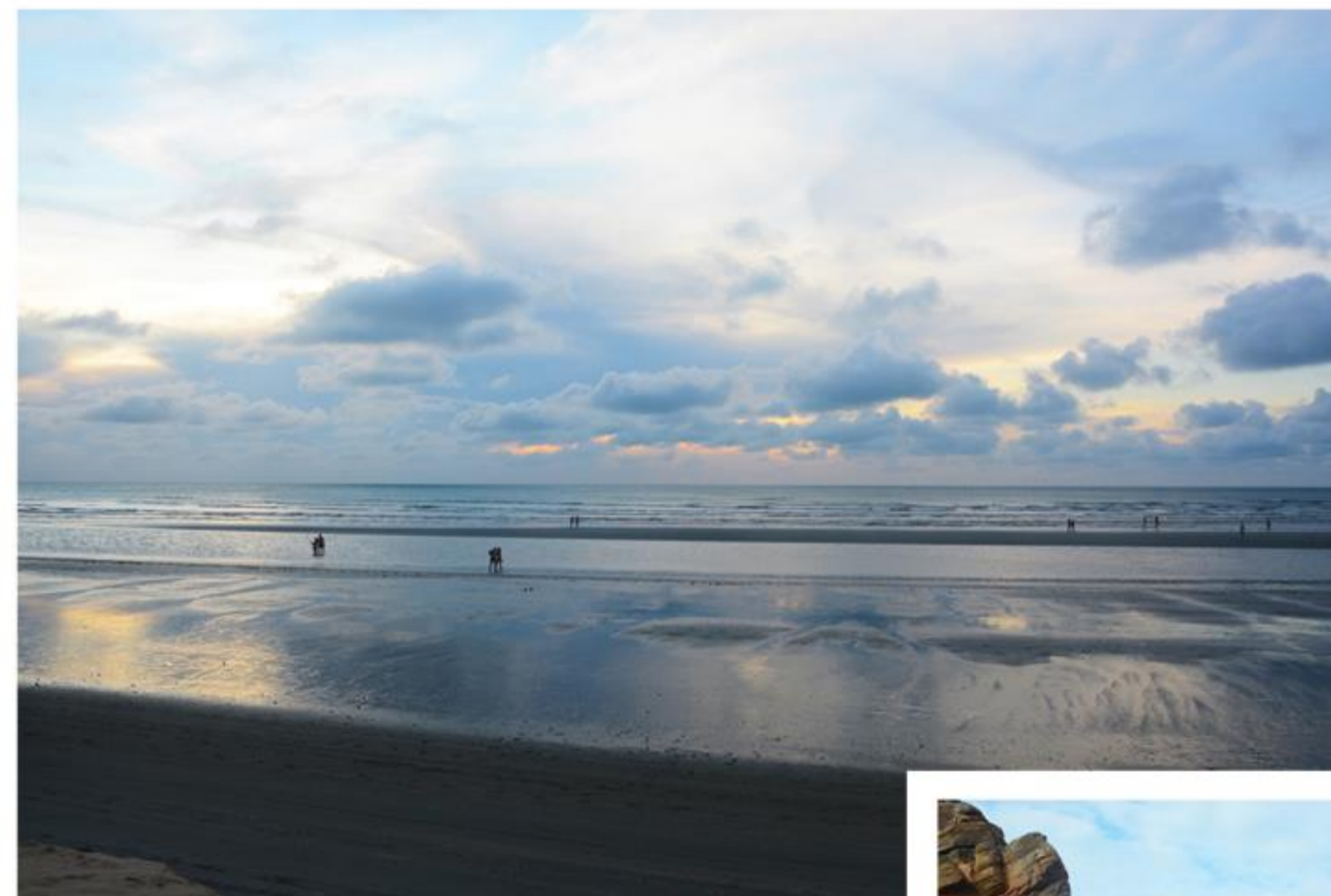
CHEGANDO EM JERI

Contratamos um serviço de van, que busca as pessoas nos hotéis e faz o transfer até Jeri. A van passou em nosso hostel antes das 8h da manhã e foi com todos os lugares ocupados. Aproximadamente cinco horas de viagem até lá. Se você tem gosto musical diferenciado, recomendo levar Ipod ou carregar as baterias do celular recheado de mp3, pois são cinco horas de Wesley Safadão e coisas do gênero. Em Jijoca, uma D20 ao estilo pau de arara nos pegou e nos levou em trinta minutos para Jericoacoara. O caminho de Jijoca a Jeri é muito bonito, passando por fazendas e dunas de areia. Recomendo deixar

a câmera fotográfica preparada para registrar a paisagem. Descemos na nossa pousada, “Espaço Nova Era”, na rua do Forró (sim, existe a rua do Forró para quem aguenta cinco horas de Wesley Safadão!) às 14h. O rapaz das bagagens nos indicou um almoço no “O Bigode”, na mesma rua. “Se falar que o senhor Francisco indicou, o mix de peixes sai pela metade do preço!”. Duvidei, mas passamos lá e no quadro indicava o tal do mix. Vi o preço e usei a senha do Seu Chico. Realmente saiu pela metade do preço! Uns 20 camarões, duas lagostinhas, um pedaço de peixe, arroz, feijão, salada e farofa. Tudo

LOCALIZADA ENTRE ENORMES DUNAS E O MAR, É UM DOS POUCOS LUGARES NO BRASIL ONDE É POSSÍVEL ASSISTIR AO SOL NASCER E SE PÔR NO OCEANO.

feito na hora, numa churrasqueira, servido rapidamente! Depois do almoço caprichado, fomos até a praia. Ao lado esquerdo, tem a Duna do Pôr do Sol, que aos finais de tarde fica lotada de turistas para assistir o espetáculo do sol indo “dormir”, atrás do mar. Reza a lenda que uma sonora salva de palmas do público encerra o espetáculo. Tivemos azar com o clima e, embora tenha tido dias de sol, o horizonte sempre esteve coberto por nuvens e não conseguimos ver o pôr do sol, na Duna do Pôr do Sol, na primeira tentativa.



Ao lado, a vista da Duna do Pôr do Sol, aonde os turistas se aglomeram para se despedir do sol. Mas só se as nuvens permitirem. Abaixo, nosso casal de viajantes na paisagem lunar da Pedra Furada.

PEDRA FURADA

Jeri parece um cenário, várias lojinhas de artesanatos, muitos restaurantes bonitinhos (claro que o forte são os peixes e frutos do mar) e muitos gringos, às vezes é difícil de ouvir português pelas ruas de areia. Programa clássico por lá é torrar na praia, entrar naquele mar incrível e curtir. Diversas barracas



oferecem serviços de cadeiras e guarda sóis, vale dar uma pesquisada, pois alguns deles não cobram consumação mínima fora de temporada. O Bar do Alexandre era um desses. E mesmo sem consumação, mandamos umas cervejas e bolinhos de carne de sol com aipim. No meio da tarde, resolvemos conhecer a Pedra Furada. Você pode contratar o transporte de charrete que leva até o final da trilha, porém, vimos no Google Maps que não era tão longe assim e fomos a pé, na raça, sem guia, só nós dois. Saímos pela rua do Forró em sentido contrário à praia e pegamos a trilha. Embora indique ser uma trilha de nível fácil, recomendando ir de tênis e levar água. São uns 30 minutos de caminhada, sendo que, no final, uma descida íngreme com muitas pedras nos levou à Pedra Furada. Lugar lindo, a pedra toda moldada pela ação do vento e da água do mar, belíssimas formas, texturas e desenhos, dá para ficar muito tempo observando cada detalhe que a natureza levou séculos para esculpir. Retornamos pelo

DURANTE O MÊS DE JULHO, É POSSÍVEL VER O SOL SE PONDENDO "DENTRO" DO BURACO DA PEDRA FURADA.



Na outra página, a famosa Pedra Furada com sua fenda causada pela ação do mar e dos ventos. O vento forte também é um convite para esportes como o *kite surf* (topo). Abaixo, o pitoresco restaurante "Na Casa Dela", uma boa pedida para os casais em viagem.

caminho da praia, a maré estava baixa e nos permitiu esse acesso. Caso a maré estivesse alta, teríamos que voltar por onde viemos. Chegamos em tempo de fazer a segunda tentativa de fotografar e ver o pôr do sol, na Duna do Pôr do Sol. Frustrado mais uma vez. De noite, resolvemos jantar no "Na Casa Dela", lugar curioso, com uma placa na frente informando que não abrem aos sábados (como assim!). Local gostoso, com uma decoração fantástica de luminárias em gaiolas, lâmpadas de papel, fitas com mensagens, tudo pé na areia e com garçons simpáticos e bons de papo. Pedimos a "Paçoca", carne de sol, purê de abóbora, arroz de leite, feijão e farofa. Incrível! Prato pra dois e barato. Na hora da conta, a simpática garçonete trouxe dois brigadeiros – deliciosos – de presente. Aproveitei a noite escura na praia para fotografar o céu, embora estivesse meio nublado, exibia muito mais estrelas que qualquer noite clara de São Paulo.



Para quem não sabe, sou fotógrafo da Revista TU e estava realmente afim de aprender a fotografar esportes aquáticos dentro do mar, como o Sebastian Rojas faz (entrevistado da edição 008 da TU) - obviamente, nas devidas proporções. Fotografar eu já sei e nadar... Bem, eu não afundo. Estava com uma câmera na caixa estanque e resolvi arriscar umas fotos no mar de Jeri. Professores (muitos deles gringos) dão aulas de surf e stand up paddle, além de alugar pranchas e equipamentos para os turistas, programa legal para os interessados em praticar. Eu queria fotografar e apanhei, quase fui atropelado duas ou três vezes por



TU PELO MUNDO

surfistas. Até fiz umas fotos legais e, na saída, optei em sair pelo lado esquerdo da praia e me dei mal. Uma grande parte da areia é forrada por pedras pontudas, eu não conseguia me equilibrar, as ondas me empurravam, tinha que proteger a caixa estanque para não bater nas pedras e não rachá-la (e consequentemente não alagar e estragar a câmera). Foi um papelão, imagino que quem viu tal cena da areia, deve ter dado boas risadas. Saí com as mãos, pés e joelhos ralados. A caixa estanque eu vendi depois da viagem. Devo dizer que fomos insistentes, tentamos ver o pôr do sol na Duna e não conseguimos, mesmo com dia bonito, o horizonte estava coberto por uma camada de nuvens, camuflando o sol.

EM JIJOCA A REGRA É FICAR DE BOA NA LAGOA, LITERALMENTE.

LAGOA DE JIJOCA

Chegou o dia de irmos para Jijoca. Muitas pessoas fazem esse passeio no "bate e volta", estão hospedadas em Jeri, vão de pau de arara até Jijoca, passam o dia na Lagoa do Paraíso e voltam para Jericoacoara. Nós fomos para passar quatro dias em Jijoca, nos hospedamos em um hotel na beira da Lagoa, chamado Chez Loran Vip.

E o que tem para fazer em Jijoca de Jericoacoara? Eu te respondo: NADA! Mas isso é o incrível de lá. Nosso hotel era pé na areia da lagoa, acordávamos, tomávamos aquele café da manhã caprichado e descíamos para a lagoa, para deitar nas redes que ficam dentro da água, presas em estacas. Água doce, cristalina, em tons de azul e, em alguns lugares, em verde esmeralda. Pode parecer estranho, mas o tempo voa, mesmo sem fazer nada. Tudo que fazíamos era comer, beber na beira do lago (ou na rede, dentro do lago) e dormir. Aproveitamos pra andar pela margem, passamos pelo



No topo, o mar de Jericoacoara abriga vários esportes, como o SUP. Ao lado, Luana aproveita uma das redes na água da Lagoa de Jijoca.

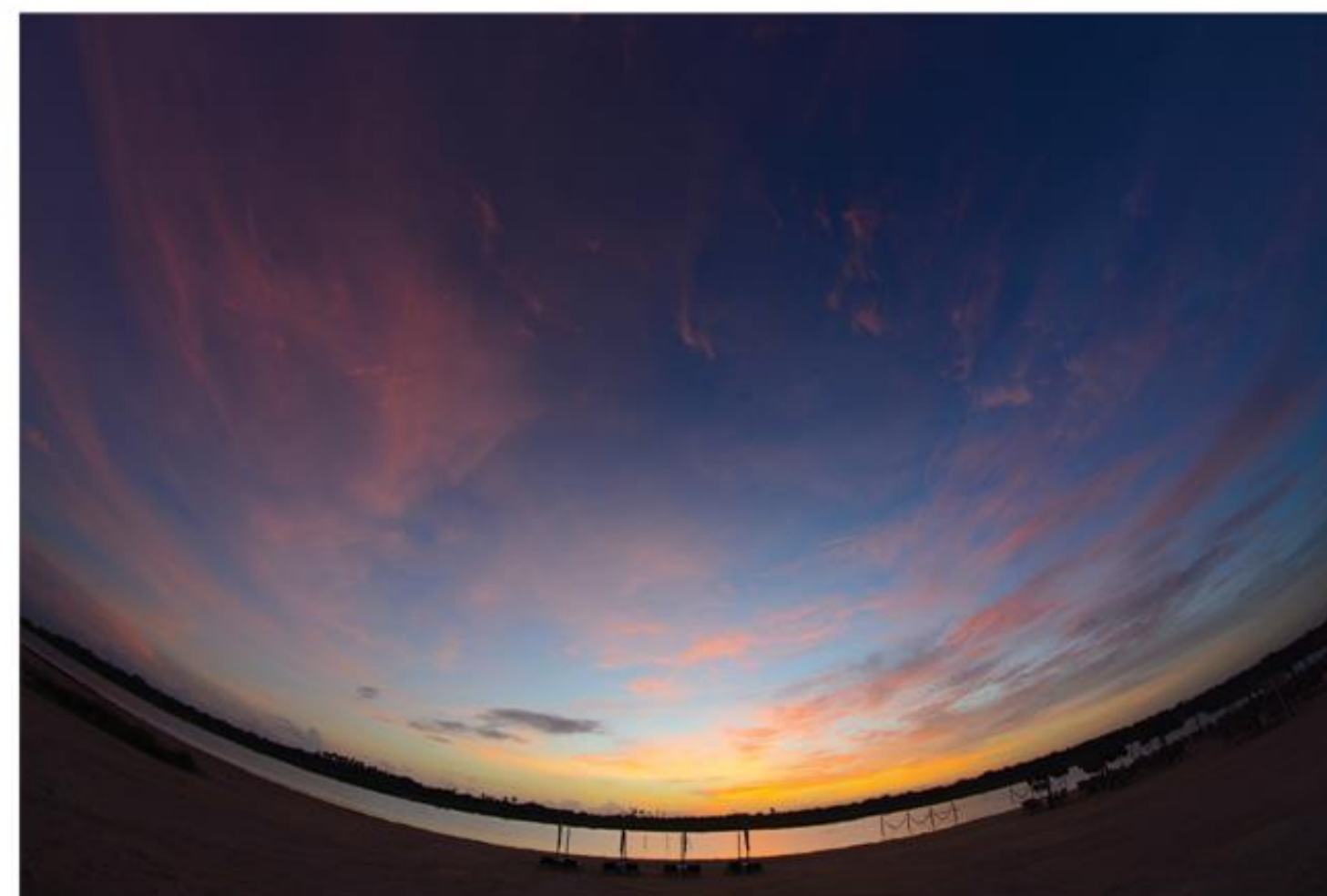


Alchemist, que é um dos locais mais badalados de lá. Mas na verdade, tudo que a lagoa tem a oferecer é sua cara paradisíaca e incrível. Só de ficar deitado naquelas redes, na água quente, com aquele céu azul e água cristalina já valia toda a viagem.

Vale destacar que, no domingo, os turistas regionais invadem a lagoa, afinal, eles também são filhos de Deus e também podem desfrutar das belezas locais. Mas a lagoa fica mais cheia e concorrida, além de ficar sem aquele clima de paraíso, você escutará falação e, claro, Wesley Safadão. Recomendo evitar esse passeio no domingo. De vez em quando, um ou outro vendedor ambulante abordará na lagoa para oferecer artesanatos e outras pessoas aparecerão na lagoa oferecendo aluguel de stand up paddle ou passeio de jangada. Se ficar hospedado em algum hotel na lagoa, recomendo acordar cedo (cedo mesmo, pois no Nordeste o sol aparece mais cedo que na região sudeste) para ver o sol nascendo. Um espetáculo. Se tive azar na Duna do Pôr do Sol, em Jijoca, tive a sorte de ver o sol nascendo de forma incrível, atrás da lagoa.



O retorno para Fortaleza foi novamente na van, cinco horas e Wesley Safadão na cabeça dos passageiros, mas eu não me importei. Estava com o meu Ipod com a bateria carregada e o meu corpo também. **TU**



No detalhe, as águas verdes e quentinhas da Lagoa em contraste com o céu azul. Ao lado, as cores do nascer do sol. De tirar o fôlego.



TU É GATA /

STÉFANI GARCIA

**UMA BELEZA
QUE APAIXONA.
UMA FORÇA QUE
IMPRESSIONA.
ESTA É STÉFANI.
MULHER, MÃE
E GUERREIRA.**

Stéfani Garcia. Ela é linda. “Que moça bonita da porra!”, disse meu amigo quando viu as fotos do ensaio. Que história ela carrega em seus ombros, em seu peito, nas cicatrizes dos cateteres. Uma em cada lado do peito. Longa história para uma moça tão nova, mãe da Sophia, de nove anos. Atualmente, a Sté está no quarto round de sua luta, passou por um segundo transplante, que foi bem sucedido, e está fazendo as sessões de quimioterapia. Ela é imponente, entrou no apartamento para fazer o ensaio brilhante, cheia de luz ao seu redor. O sorriso é natural, gargalhava quando falávamos besteiras para ela, durante as fotos. Quanta força tem na vida e hoje, o sorriso que teve que insistir diversas vezes para aparecer, vem com naturalidade e em definitivo.



44

Eu tinha acabado de chegar de Manaus, onde tinha morado por três anos, por conta do meu casamento, meu ex-marido foi transferido pra lá. Não aguentei a pressão lá e resolvi voltar. Assim que voltei, apareceu um caroço no meu pescoço, num dia de muito calor, eu passei a mão no pescoço e senti. Naquele momento, não me preocupei, deixei pra lá. Um dia, acordei assistindo um programa de televisão, estavam falando sobre o linfoma. Diziam exatamente o que acontecia comigo. Parecia que era pra mim. "Acorda! Vai ver! Vai procurar!" Me deu aquele *start*, procurei o oncologista que fosse me atender mais rápido e assim foi. Na biópsia deu positivo. "Vamos começar logo, porque eu quero terminar logo!" E desde então tô aí, desde 2011, tratando.

Aos 24 anos descobri minha doença, Linfoma de Hodking, um câncer no sangue! Fui pra cima com todas as forças e com muita pressa pra que aquilo que mal começara se acabasse. Um ano de quimioterapia e um diagnóstico errado levaram a minha família para a sala particular do meu médico. "Sua filha não vencerá essa doença!". Um choque, a doença me consumia! Em 2012, corremos para São Paulo à procura de uma segunda opinião médica e eis que surge uma luz no fim do túnel: um novo protocolo. Eu, que nunca fiquei doente, nunca tinha imaginado passar por um tratamento tão invasivo, tão triste e tão doloroso - para a minha mente principalmente! Comecei com vários ciclos de químio e logo surgiu a descoberta de um derrame no pulmão. Mais uma internação e pulmão recuperado! É estranho como você tem que lidar com a mente, de uma hora para outra a sua vida não é mais a mesma. Em um ano, tantas mudanças. Perdi a família que construí, ganhei o direito de viver longe do meu maior tesouro, minha filha. E assim, a doença vai tirando teus motivos de alegrias, as coisas que te fazem sorrir... Depois de um protocolo longo, eis que entrei em remissão, estou ótima! Uma guerra vencida. Só que não.

O ano de 2013 passei linda, me recuperando, cabelos crescendo, trabalhos surgindo... Quando, de repente, a doença se mostrou em atividade num exame de rotina. Dessa vez, já partimos para o transplante de medula óssea, que foi lindo e bem sucedido! Também pudera, sete meses internada, morando no hospital! Um cateter em cada lado do peito e muitas cicatrizes de biópsias pelo corpo. Enfim, estava curada pós transplante! Vida que recomeça pela segunda vez. Cabelo crescendo, planos pra trazer minha princesa de volta. "Enfim vou realizar minhas vontades". Mais um ano de recuperação. E quando fiz exames pra retirar o cateter, quem aparece? Sim, pela terceira vez ele me pegou! Naquele momento da minha vida, eu estava muito feliz, viajava, sempre contemplando a natureza, o sol e a minha maior paixão, a praia! E ter que parar com tudo aquilo pela terceira vez foi muito difícil. O mesmo hospital, a mesma maca, o mesmo cheiro, os mesmos enfermeiros me olhando entrar pelo corredor com um ar de tristeza, porém, sorrindo pra mim.

Cá estou eu novamente, sentada no chão do banheiro, vendo meu cabelo preto fazer contraste com o chão branco. Dessa vez, as forças já não eram as mesmas de três anos atrás. Levei minha filha pra curtir comigo meus últimos dias antes da internação, foi demais! Fazer as malas da volta dela mais uma vez é que foi perturbador! Fiz aos prantos. Instalei-me no quarto um, que ainda não tinha ficado, mas perdi um amigo nele. Na verdade, fiquei tanto tempo nesse hospital que fiz muitos amigos. Uns que hoje estão bem e vários outros que se foram. Eu queria chorar, mas tenho uma leve fama de ser forte, então me lembrei da infância quando minha avó dizia: "Engole esse choro, menina!". A primeira noite foi um terror, passei acordada, e às seis da manhã já estava sendo furada. Mais alguns meses internada, sem um banho de cabeça completo... Meses sem poder lavar o pescoço com água! Naquele momento eu só queria um banho decente!



TU É GATA

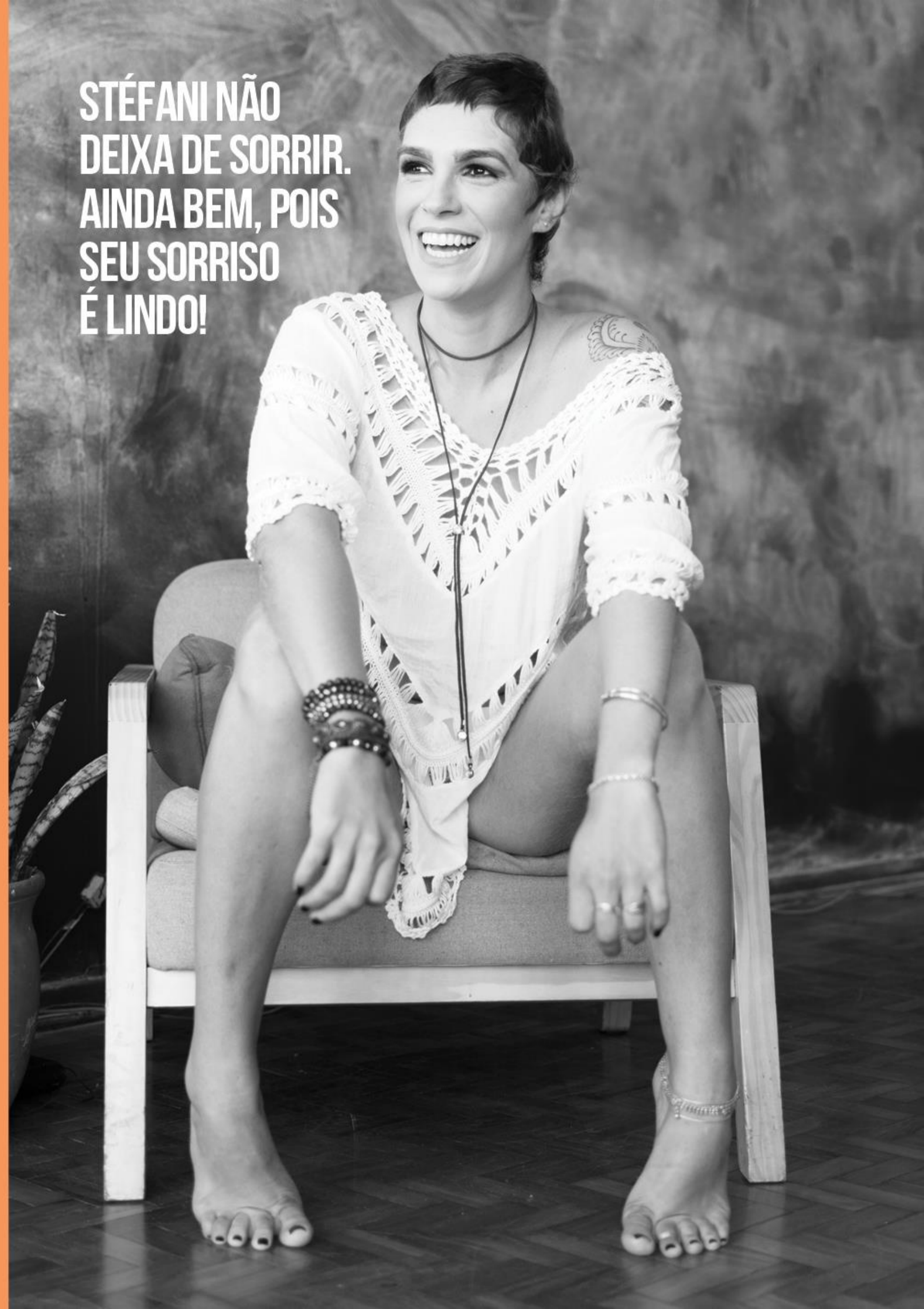
COM UM
MULHERÃO
DESTES
FICA ATÉ
MAIS FÁCIL
FOTOGRAFAR.



TU É GATA



STÉFANI NÃO
DEIXA DE SORRIR.
AINDA BEM, POIS
SEU SORRISO
É LINDO!







Mais uma vez, careca e mais uma vez: recuperada! E agora, depois de seis longos anos de tratamento invasivo, muita dor, muitas lágrimas e muitos sorrisos...? Agora esse bichinho se encontra morando dentro de mim mais uma vez! Porque não podia ser diferente, né? Quando a minha vida começa a andar, esse bicho me pega! E pra piorar, veio em um momento onde me encontro sem suporte de plano de saúde. Confesso que estou com medo. Pensei em desistir de fazer esse tratamento pela 4ª vez, preciso caminhar pra frente... Sinto-me estacionada! Mas aí, eu olho ao meu redor e vejo quantas pessoas se importam comigo, quantas pessoas eu consegui, de uma forma sutil, ajudar com a minha experiência. Vejo quantas pessoas me amam de verdade, o quão triste elas ficariam se eu desistisse, principalmente minha filha, que precisa de mim! São esses os motivos pelos quais eu encontro forças hoje! Ainda vou cumprir a promessa que fiz à minha filha de nunca mais nos separarmos, eu sei que vou cumprir! **TU**





**AMIGOS,
FAMILIARES E,
PRINCIPALMENTE,
SUA FILHA. E DAÍ
QUE VEM A FORÇA
DE STÉFANI.
E COM ESSA
FORÇA, NADA
PODERÁ
VENCÊ-LA.**



texto
\ fernando de santis
\ stéfani garcia
fotos
\ fernando de santis
\ thiago souto
maquiagem
\ aline malafaia
acessórios
\ mari bijus
facebook.com/bijuteriasmaribijus


COM AS
MELHORES
COMPANHIAS!
SUA MOTO E SEUS AMIGOS!

SUPER CUSTOM. SEU SITE ESPECIALIZADO
EM PEÇAS E ACESSÓRIOS PARA O MERCADO
DE MOTOCICLETAS CUSTOM PREMIUM.

 Super Custom

supercustom.com.br

 [supercustommotos](https://www.facebook.com/supercustommotos)

 (13) 97600.4842

 [super_custom_motos](https://www.instagram.com/super_custom_motos)

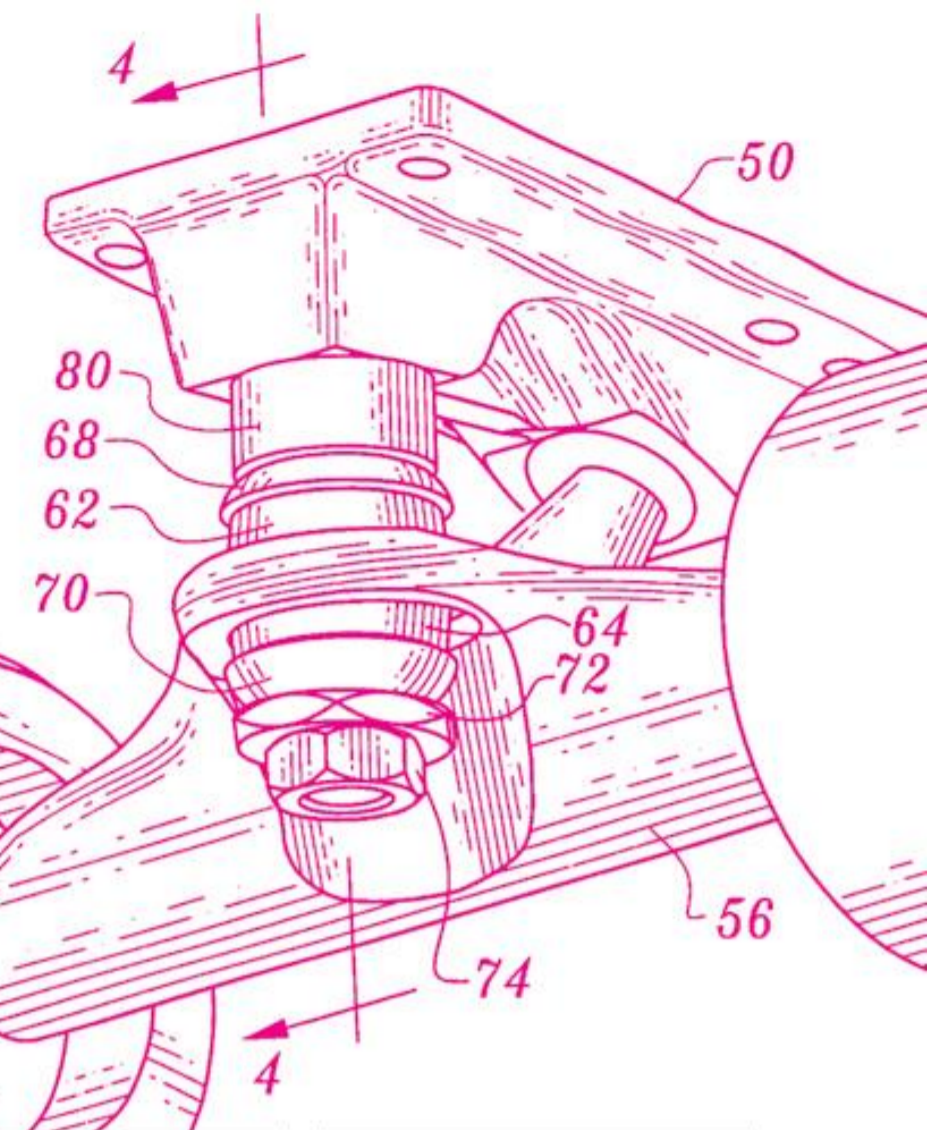
TU TEM O QUE FALAR

Formiguinha manobrando em cima do monumento no Quebra-Mar. A manobra valeu essa foto, mas também um skate, levado pela Guarda Municipal.



GIGANTE ANTE NA ATITUDE

PEQUENO
PELA IDADE



Manhã de domingo, o swell estava bom. Posicionei minha câmera apontada para o mar, ali no mirante do Quebra Mar, em Santos, e comecei a fotografar os surfistas. Depois de um tempo fotografando, ouço um som característico de skate em uma superfície de metal, pensei: "não é possível que alguém esteja andando de skate no monumento Tomie Ohtake!". Recolhi meu equipamento e me posicionei para registrar. Sim, havia um garoto fazendo manobras em cima do monumento, sob olhares incrédulos das pessoas que passeavam pelo parque. Fiz algumas fotos até o garoto ser repreendido: "chamei a guarda municipal!", um homem protestou. O menino desceu, pediu

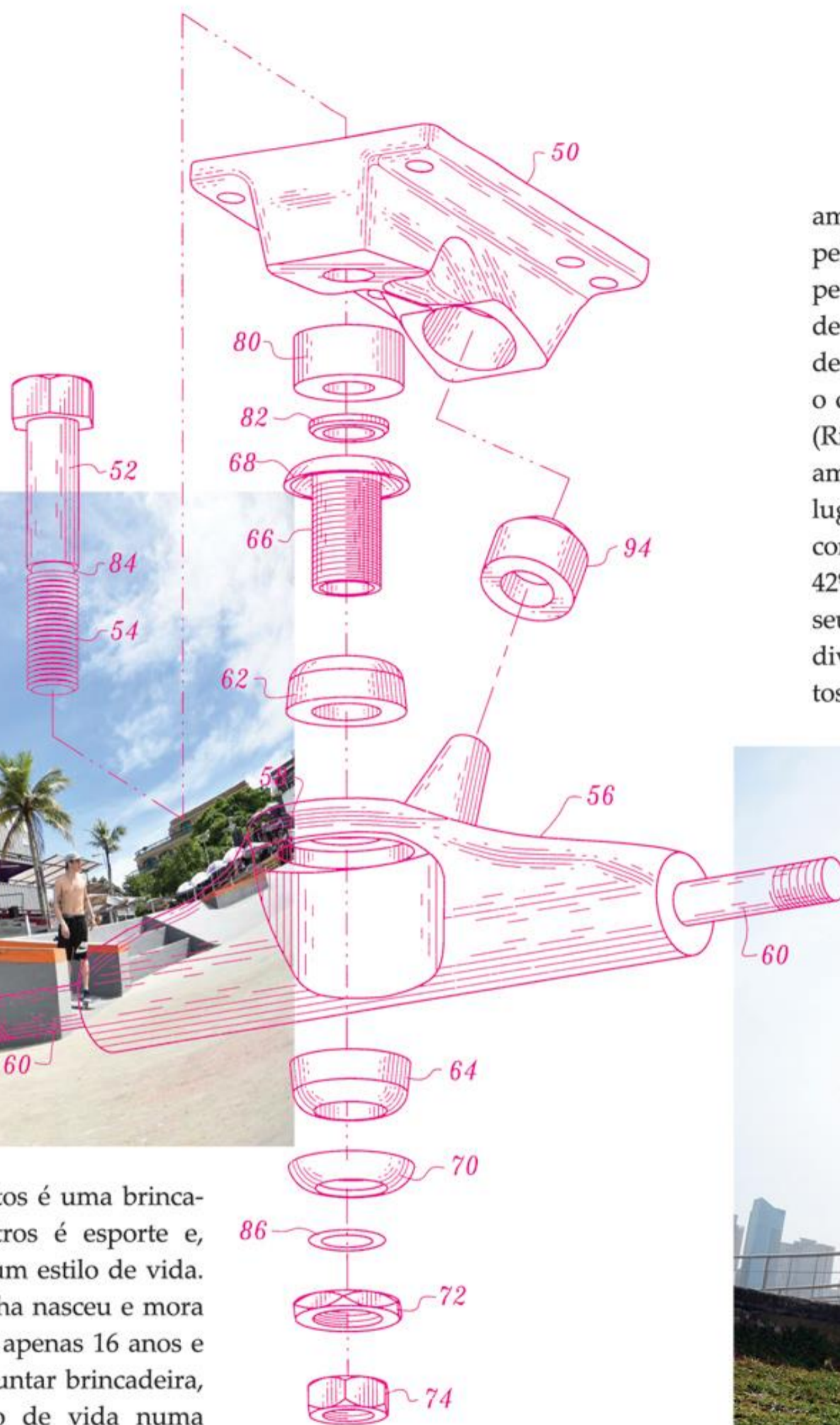
texto
\\ fernando de santis
fotos
\\ fernando de santis
\\ acervo pessoal

TU TEM O QUE FALAR

para ver as fotos que fiz e, sem me conhecer, propôs uma foto saltando um gap ali mesmo, da plataforma onde as pessoas sentam para ver o mar, até o chão. Me posicionei e fiz as fotos. Mais uma vez, olhares incrédulos em relação à ousadia daquele jovem. A polícia chegou e a confusão começou. Naquela manhã, o skate do garoto foi apreendido. Qual o seu nome? “João! João Formiguinha! Desculpe acabar a sessão assim...” e eu respondi “Relaxe. É a rua!”.

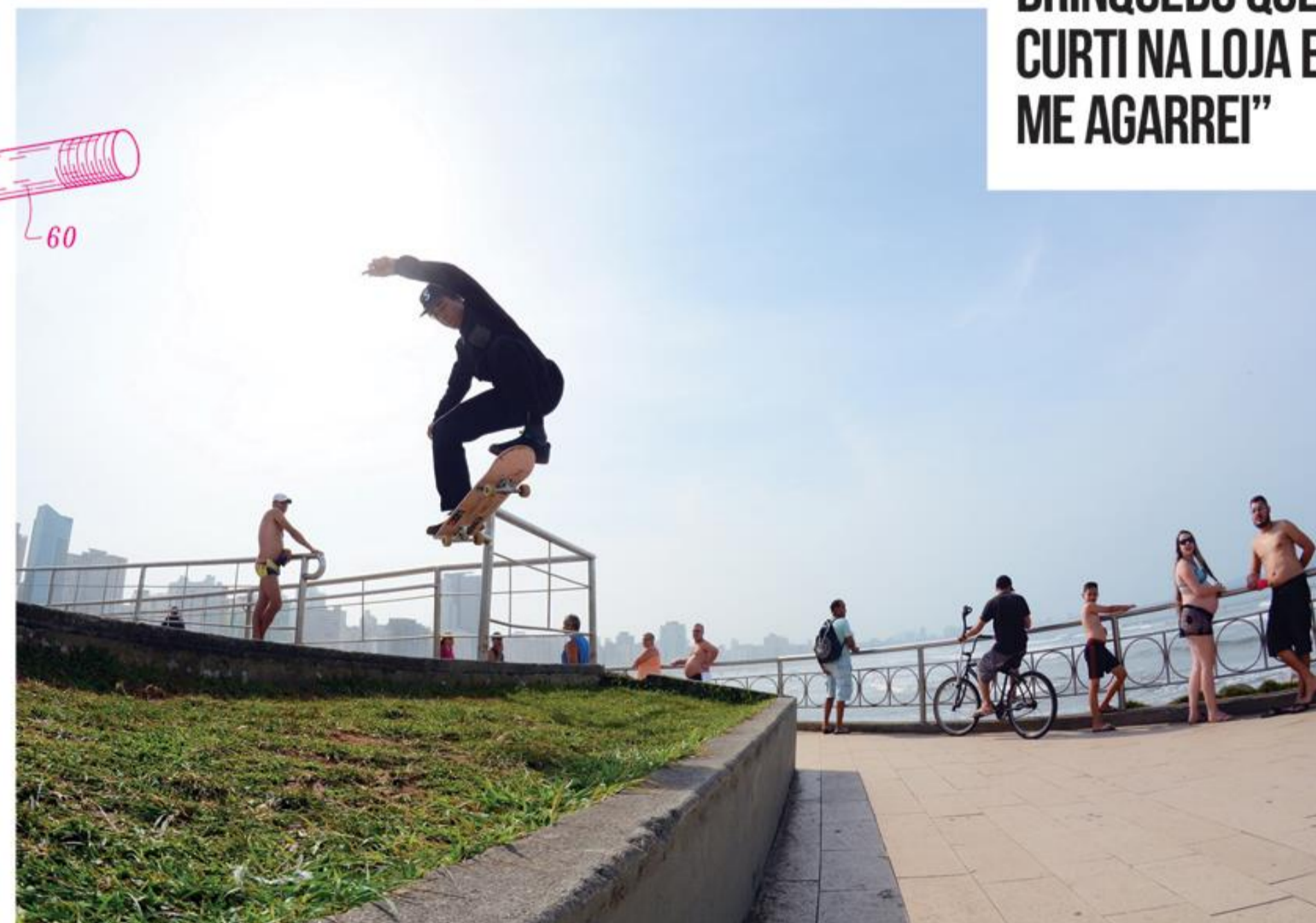


Skate para muitos é uma brincadeira, para outros é esporte e, para alguns, é um estilo de vida. João Formiguinha nasceu e mora em Santos, tem apenas 16 anos e hoje consegue juntar brincadeira, esporte e estilo de vida numa coisa só. “Meu primeiro contato com skate foi no Natal, eu acho que tinha uns 7 ou 8 anos. Minha mãe me levou numa loja de brinquedos, eu não curti nenhum, aí encontrei um skate debaixo de uma prateleira. Esse foi o único brinquedo que curti na loja e me agarrei”, recorda. Começou a destacar-se nas competições e, com 12 anos, conquistou o campeonato brasileiro na categoria iniciante. Atualmente, na categoria



amador, está chamando atenção pelo grande desempenho, competindo em alto nível. Em abril deste ano, no Oi Stu Open, cerca de 200 competidores disputaram o campeonato na Barra da Tijuca (Rio de Janeiro). Entre os amadores, João ficou em sexto lugar e, na classificação geral, contando profissionais, ficou em 42º lugar (sempre destacando seus 16 anos). O garoto tem que dividir seu tempo de treinamentos com os estudos: “Estou no

segundo ano (ensino médio), estudo de manhã... estudar de manhã é melhor, fico com a tarde e a noite livres para treinar. Quando tem campeonatos, às vezes fica mais complicado, preciso faltar quando a viagem é longe, mas a escola me dá umas provas e trabalhos para não perder nota, para não ficar difícil no final do ano”, comenta aliviado e confessa que algumas pessoas da escola já começaram a andar de skate por influência dele.



Na página ao lado, João mandando ver no Oi STU Open, no Rio de Janeiro (foto superior) e em São Bernardo, quando conquistou o vice campeonato. Acima, manobrando no Quebra-Mar.

Para poder praticar o skate em alto nível, Formiguinha conta com o apoio do pai e da mãe. Seu Rogério, o pai, sempre está por perto. “Eu sempre estou em cima dele. O sonho dele sempre foi ser profissional, acompanho em todos os eventos, saímos todos os dias para treinar em várias pistas, em Santos, litoral em geral, São Paulo. Sempre em cima dele, aprendendo manobras novas,

“TINHA UNS 7 OU 8 ANOS. MINHA MÃE ME LEVOU NUMA LOJA DE BRINQUEDOS, NÃO CURTI NENHUM, AÍ ENCONTREI UM SKATE DEBAIXO DE UMA PRATELEIRA. ESSE FOI O ÚNICO BRINQUEDO QUE CURTI NA LOJA E ME AGARREI”



vendo vídeos todos os dias, vendo os caras que são bons, se espelhando e eu tô sempre cobrando” conta orgulhoso e depois pondera “Mas sem muita pressão, pois ele faz por amor, só exijo o horário, para estudar, pra treinar, se dedicar à família. Se quer ser profissional, não pode ir pra balada, não pode beber, fumar e se envolver com gente errada, isso eu cobro dele direto!”. Além do apoio da família e da escola, que dá aquela força nas ausências em dias de provas, conta com os patrocínios, que hoje em dia são essenciais para a prática de esportes profissionalmente, como Hammer Skateboard, New Skate, Freedom Fog, 5upero, Everlong e Evolution Skate Shop.

“EU ESTOU SEMPRE COBRANDO, MAS SEM MUITA PRESSÃO, POIS ELE FAZ POR AMOR. SÓ EXIJO O HORÁRIO, PARA ESTUDAR, PRA TREINAR E SE DEDICAR À FAMÍLIA.” - COMENTA O SEU PAI

Quem disse que formiga não voa? Formiguinha sabe voar com um skate no pé.

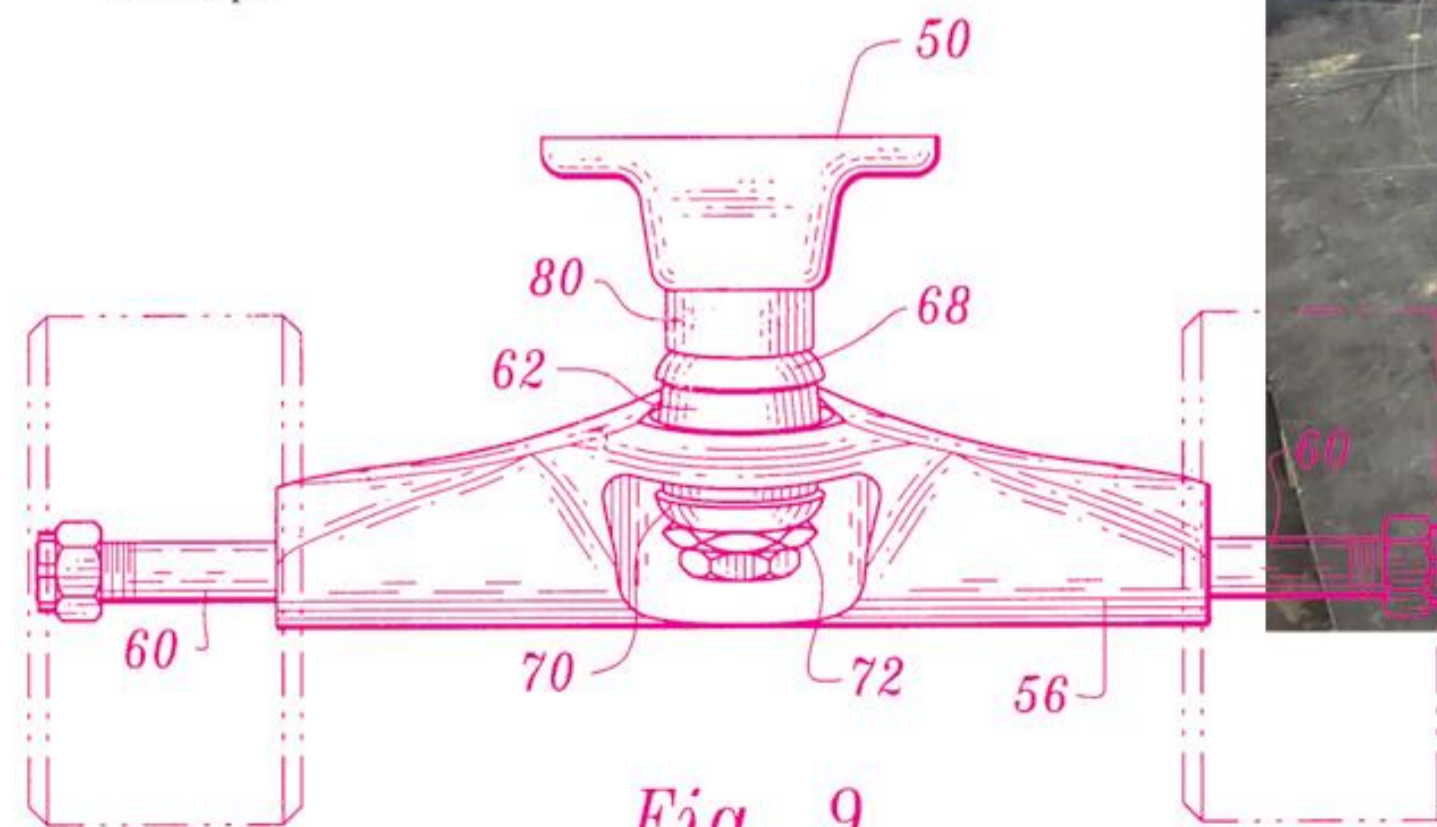
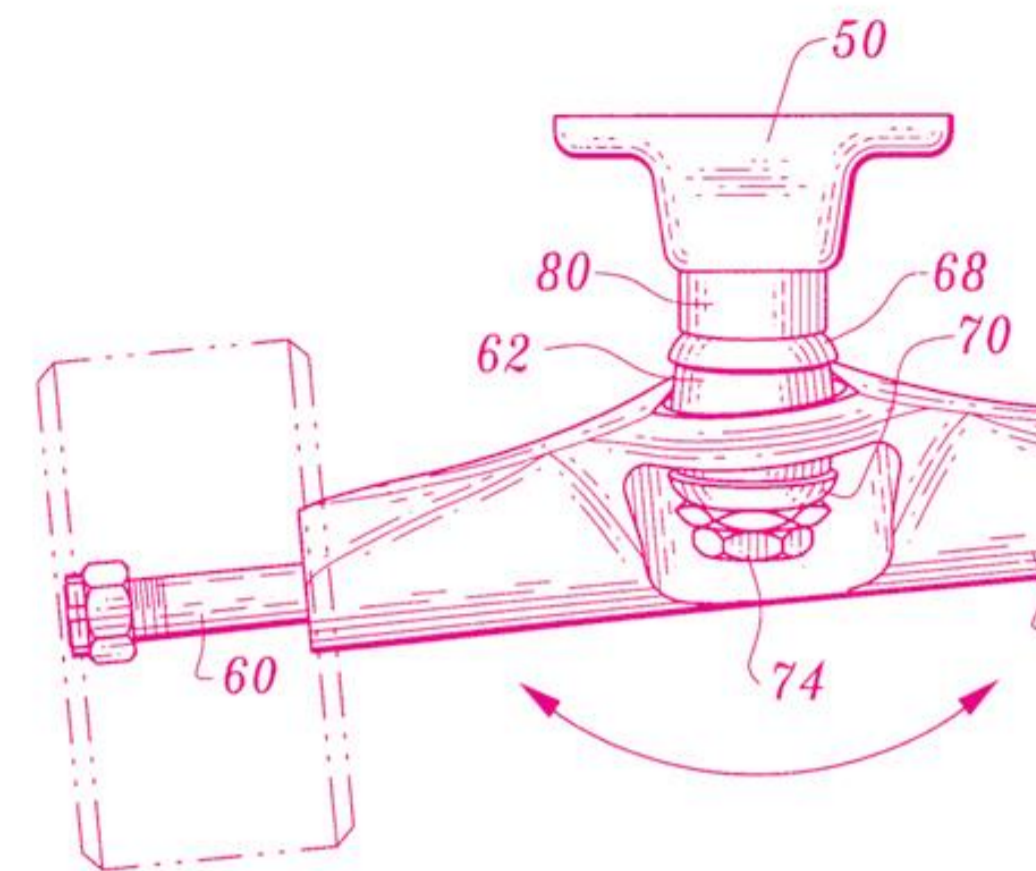


Fig. 9

Tão jovem, João traça metas na sua vida. Por coincidência, a meta da carreira profissional é o mesmo sonho que o embala todas as noites: transformar-se em um skatista profissional. “Para me tornar profissional preciso ter uma video party, ter alguma matéria em revista de skate, uma colação de grau e competir nos eventos nos EUA, ser visto... E um pouco mais de idade, uns 18 ou 19 anos já dá para tentar passar para profissional”. Os Estados Unidos estão nos planos do garoto, que também pretende um dia morar lá “competir mundiais, ser campeão mundial, evoluir no skate e na vida, pois lá, o skate é tratado de outra forma, é outro mundo, tem muito conceito”.

Com conquistas como: um vice-campeonato dos jogos regionais em São Bernardo e campeão em Amsterdam (Holanda) na categoria Amador, João Formiguinha vai caminhando a passos de elefante em direção ao profissionalismo no skateboard e mantendo, ainda assim, aquele amor à primeira vista que o arrebatou, há alguns anos, na loja de brinquedos. TU



João representou o skate santista lá fora e conquistou título de campeão em Amsterdam, na Holanda.

Fig. 10



PREPARE-SE PARA SER INFECTADO!

texto e foto
Thays Cardozo

Nesta edição da TU Bebeu, vamos falar de uma cerveja com corpo e alma de santista, a Funk Town Juice que é assinada pelo cervejeiro João Paulo Nascimento. Ele, que também é proprietário da Infected Brewing Co e tem parceria com o Adalberto Monteiro, da Beersomos, uma empresa que dá suporte aos cervejeiros caseiros a dar um salto da fabricação caseira para a comercialização de sua cerveja.

A ideia de ter sua própria cervejaria surgiu em meados de 2013, após fazer um curso de produção de cerveja, João Paulo logo comprou os equipamentos e começou a produzir suas primeiras cervejas em casa. Na época, trabalhava em Juquiá, no Vale do Ribeira. Lá, ele administrava a fazenda da família, localizada em um bairro chamado Ribeirão das Onças, criando a Brejaria das Onças, nome que permaneceu até 2016. Em 2017 a Infected Brewing Co nasceu de uma paixão pelas leveduras selvagens e bactérias que podem ser usadas para produção de cervejas mais complexas. "Infectando" de vez seu sonho de uma produção comercial.

A Infected é cigana e produz sua cerveja na Cervejaria Dádiva, onde teve contato com os cervejeiros através do projeto que o Mucha Breja faz. O projeto convida um cervejeiro local e uma cervejaria para produzirem uma cerveja de panela, em frente ao Pub onde o público pode acompanhar sua produção desde o início, até provar a cerveja quando pronta.

A Funk Town Juice New England IPA, de 6,4% de teor alcoólico, é uma cerveja deliciosa que chegou ao mercado cervejeiro fazendo muito sucesso em seu lançamento. Dona de um *drinkability* sensacional, tem uma coloração amarela, boa formação de espuma com média retenção, turva e aroma frutado lembrando frutas amarelas como pêssego, abacaxi e manga de fundo. Na boca um corpo aveludado seguido de um sabor adocicado de fruta que logo desaparece, deixando um amargor crescente bem refrescante e final seco.

Na receita, João Paulo fez um blend entre as leveduras selvagens e a Vermont, além de uma grande quantidade de lúpulo das variedades Lemondrop, Vic Secret, Cashmere, Mosaic e Simcoe... 26 gramas de lúpulo por litro!

Vida longa à Infected Brewing e parabéns por nos permitir provar os deliciosos resultados desse projeto. TU

THAYS CARDOZO

Thays é apaixonada por cerveja e Beer Sommelier formada no Curso de Sommelier e Educação Cervejeira do Instituto da Cerveja.

TU COMEU I

Calma!
Não precisa
morder a revista.
A porção Limit Break
pode ser "só" bacon
ou bacon à milanesa.



HP GEEK BAR N' BURGUER

EM SANTOS/SP

por \ thiago souto

**PEÇA UM
HAMBÚRGUER,
ASSUMA SEU
LADO NERD E QUE
A FORÇA ESTEJA
COM VOCÊ!**

Ser nerd deixou de ser algo vergonhoso já faz algum tempo. É até cool ser um fã de Star Wars ou saber as falas dos filmes do Harry Potter. Gostar de assistir Hora da Aventura ou Naruto não é mais coisa de criança. Saber mandar aquele combo impossível no Street Fighter ou o nome de algumas centenas de Pokémons não é nenhum absurdo. No final das contas, o mundo nunca foi tão geek. A galera saiu das sombras e mostrou que todo mundo tem seu lado meio nerd.

E se você está a procura de um *Nerdvana* em Santos, esse lugar é o HP Geek Bar n'Burger. Quadros dos Thundercats, referências de filmes, quadrinhos e séries por todos os lados, um fliperama do Star Wars brilhando e fazendo barulho em um canto. Na TV, jogos de video game, séries e clipes de rock. O lugar é o paraíso para quem curte cultura pop. E o que não pode faltar no paraíso? Comida boa! E lá, a palavra gordice ganha outro nível muito além do imaginado.

Principalmente se levarmos em consideração que eles têm porção de bacon no menu. A Limit Break é uma porção de belas tiras de bacon fritas, onde você pode escolher um molho de cortesia, entre eles barbecue, mostarda e mel e a maionese da casa, por exemplo. E como gordice não tem limite, eles também têm a porção na versão milanesa. Isso mesmo. BACON À MILANESA!!! E foi nessa opção que fomos (desta vez, pois já provamos a primeira opção). Bom, já sabe como foi, afinal é bacon. Muito bom! A casquinha milanesa faz você pensar que está comendo um mini bife, mas na verdade é bacon. É vida! Além desta porção, o cardápio está cheio de nomes tirados dos arcades, filmes e séries. O destaque fica por conta dos hambúrgueres com blend da casa. Fomos de Heisenburger, um burger de 150g com cheddar, bacon e onion rings em um pão australiano. E, para não sair da dieta (só que não), pedimos um Game Over. Este é um monstro de 200g de carne, double bacon, double egg, muçarela, onion rings e molho barbecue. Tão grande que precisa de uma faca pra se manter em pé. Gigante no tamanho e no sabor. Para ogros, que nem eu, não saírem com fome do pico. E além das opções carnívoras, a casa é conhecida pelos seus lanches veganos. Vale conferir! Apesar de tudo isso, ainda tinha um espaço reservado para a sobremesa. Então pedimos um Tardis, uma porção de mini churros na caneca com doce de leite ou Nutella. Se o nome remete a máquina do tempo do Doctor Who, essa sobremesa te leva de volta ao passado, lá para a sua infância. Um belo *gran finale*.



Nesta imagem,
o monstro Game Over
pra quem é ogro.
Abaixo, o Heisenburger
com muito cheddar
e onion rings crocantes.
"Let's cook!"



Então, se você é fã de cinema, quadrinhos, RPG, video game, série... Você vai se sentir em casa no HP Geek Bar n'Burger. E se você não gosta tanto assim dessas coisas, vale a pena conferir mesmo assim. A comida é farta e boa, tem chopp Burgman gelado e você não vai se sentir deslocado de maneira alguma. Às vezes pode até fazer amizade com a mesa do lado jogando um Rock Band ou assistindo Game of Thrones. **TU**

Rua Doutor Luís de Faria, 116
Gonzaga - Santos/SP
facebook.com/bargeekhp

ENTREVILAS

EM SÃO BENTO DO SAPUCAÍ/SP

por \ thiago souto

No meio da Serra da Mantiqueira, entre vales e montanhas cobertos com mata nativa, se esconde um verdadeiro paraíso gastronômico. Foi neste cenário maravilhoso, em São Bento do Sapucaí, bem próximo a Campos de Jordão, que o agrônomo Rodrigo Veraldi Ismael construiu a prova viva de que um mundo sustentável, com produtos de qualidade, é possível. Em seu sítio, ele produz vinhos de altitude (e de qualidade) sem nenhum tipo de defensivo, nem uso de leveduras selecionadas, além de frutas vermelhas orgânicas (que viram deliciosas geleias e compotas), castanhas portuguesas e azeitonas (que delas sai um excelente azeite). Nesse pedaço de terra onde parece que tudo dá certo, Rodrigo conseguiu até desenvolver a primeira variedade brasileira de lúpulo, totalmente adaptada ao clima local e que foi usada pela Baden Baden para Dry Hopping.

UM PARAÍSO GASTRONÔMICO NO MEIO DA SERRA DA MANTIQUEIRA

Ali, também são criados porcos, alimentados com os legumes e hortaliças plantadas na propriedade. E esses porcos são um dos destaques do restaurante que funciona, desde 2010, aos sábados e domingos dentro da propriedade. Um restaurante onde a pressa não está no menu. Os almoços concorridos (é preciso reservar com antecedência) são alinhados à filosofia Slow Food, começam às 13hs e não tem hora para acabar. Assim, entre um prato e outro, você pode conhecer a propriedade, comer frutas do pé, ver de perto a plantação de uvas ou simplesmente curtir a vista deslumbrante.



O menu segue o estilo degustação com couvert, entrada, três pratos e sobremesa. O preço pode assustar no começo, afinal, são R\$150 por pessoa (R\$100 na versão vegana), acaba sendo até que justo com tanta comida boa para degustar. O menu, que muda a cada dia dependendo da disponibilidade dos produtos, é apresentado logo no começo e você escolhe entre algumas opções de pratos. De entrada, eu e minha esposa pedimos lambaris de rabo vermelho fritos e uma bruschetta napolitana com tomate cereja

e alcaparras de Brazópolis/MG. Os lambaris, pescados na região, são crocantes como um torresmo e a bruschetta tem o equilíbrio perfeito entre o adocicado dos tomates e o salgado das alcaparras, tudo regado ao azeite produzido na casa. Um começo com o pé direito. Na sequência, pedimos um tartar de trutas salmonadas com molho de ervas colhidas ali mesmo e alcaparras. Refreshante e saboroso, nos deixando ansiosos para os próximos pratos: uma polenta de fubá com ragu de cabrito e um tagliatelle ao molho funghi, com cogumelos selvagem da região. Eu fui na massa, que estava muito

boa, mas assumo que fiquei com invejinha do prato da Luciana, minha esposa, que estava sensacional. Mas a inveja sumiu logo quando chegou o prato principal. Entre as várias opções que pareciam deliciosas, como parrilla uruguaia ou javali, não tivemos como não escolher o leitão à pururuca, servido com batatas bravas, legumes grelhado e purê de marmelo. Meu amigo, se existe um som maravilhoso é o som da pele crocante do porco quebrando na ponta do garfo. Que deliciosa sinfonia! E, abaixo dela, uma carne que desfia facilmente e cai como uma luva com o sabor doce do purê de marmelo. Divino! E para fechar com chave de ouro, fomos de tartelete de limão cravo com merengue francês.

Ao anoitecer, fomos embora satisfeitos e felizes. Já sonhando com o dia em que voltaríamos para passar mais um dia neste paraíso no meio da Mantiqueira. Então, fica a dica para você que for visitar São Bento do Sapucaí ou Campos de Jordão. Vale muito a pena. **TU**



A bruschetta napolitana foi um começo com o pé direito. No topo, a outra entrada, os lambaris fritos. Acima, o refrescante tartar de truta.



Um dos pratos principais do dia e destaques do menu, o leitão à pururuca com purê de marmelo. Uma delícia!

Estrada Major Pereira km 5,5
Campo do Serrano
São Bento do Sapucaí/SP
entrevilas.com.br



QUE TAL FAZER UM CHURRASCO DIFERENTE?

COM CHEF DANILO ROCHA

Quem disse que uma churrasqueira só serve para fazer o bom e velho churrasco de carne vermelha? Pescados e frutos do mar vão muito bem na brasa também. Tainha, sardinha, camarão e até mexilhões vão muito bem na grelha. O chef Danilo Rocha sabe muito bem disso e preparou uma receita de bacalhau na brasa acompanhado de uma refrescante salada de feijão fradinho, que vai elevar o nível do seu churrasco. Então está esperando o que para acender a churrasqueira e fazer esta receita deliciosa?

BACALHAU BRASEADO COM SALADA DE FEIJÃO FRADINHO

Bacalhau Braseado

INGREDIENTES

- 600g de lombo de bacalhau
- 200ml de leite de coco
- 1 ramo de alecrim
- Sal e pimenta a gosto

MODO DE PREPARO

Dessalgue o lombo de bacalhau, deixando uma noite na geladeira e trocando a água pelo menos 4 vezes. Depois de dessalgado, cozinhe no leite de coco. Pouco cozimento, somente até o bacalhau ficar bem branquinho e começar a soltar a pele. Feito isso, retire e tempere com sal, pimenta e alecrim bem picado. Leve para a churrasqueira e deixe até começar a soltar as lascas. Reserve.

Salada de Feijão Fradinho

INGREDIENTES

- 250g feijão fradinho
- 1 maço de salsinha
- 5 folhas de hortelã
- 1 tomate grande
- 2 cebolas brancas
- Azeite
- Vinagre de Hortelã
- Sal e pimenta a gosto

Deixe o feijão fradinho de molho de um dia para o outro. Depois cozinhe ele em pressão por 30 minutos. Espere ele esfriar e prepare uma salsa com salsinha, tomate, cebola branca, azeite, vinagre de hortelã e folhas de hortelã. Tempere com sal e pimenta. Reserve na geladeira e sirva frio, ao lado ou sob o lombo de bacalhau.

Serve 3 porções



O chef Danilo Rocha comanda a cozinha do Mucha Breja Beer Store, em Santos, é o fundador do buffet Chef Prime: Inteligência Gastronômica e participou do programa Food Truck a Batalha, do canal GNT

HARMONIZE COM ESPORÃO MONTE VELHO BRANCO SAFRA 2015 POR NÍCOLAS PÓVOAS

Vinho branco de perfil marcadamente alentejano, levando toda a tipicidade desta região localizada em Portugal. Este *blend* é composto de três das mais tradicionais uvas da região, chamadas Antão Vaz, Perrum e Roupeiro, cuja principal característica é a acidez equilibrada que proporciona uma grande aptidão gastronômica e "conversa" perfeitamente com a textura do bacalhau braseado. Vinho de cor amarelo palha com reflexos esverdeados. Aroma de frutas brancas frescas como maçã, pêra e abacaxi, notas de limão que dão um toque especial na salada de feijão fradinho e legumes torneados na manteiga de ervas que complementam o prato. No paladar, é firme, intenso e equilibrado, com final longo e agradável. Temperatura ideal de serviço é em torno de 8°C, sendo mantido em balde com gelo para não esquentar. **TU**



ROCK CAIÇARA E REGGAE EXILADO

reviews
\ fernando de santis
\ thiago souto

Nesta edição resolvemos trazer um clássico de um dos maiores ícones da música mundial e uma banda de Santos que está tentando seu espaço ao sol. Enquanto o aclamado *Exodus* completa 40 anos este ano, a galera do Divisão está apenas começando. Vale a pena conferir os dois álbuns.



POR TRÁS DOS TRAÇOS

DIVISÃO



Uma das coisas legais que o imediatismo da internet trouxe de volta ao cenário musical, foram os EPs. Sim, o bom e velho, *Extended Play*. Talvez, os mais novos desconheçam, mas um EP nada mais é do que um disco que não chega a ser um *Long*

Play (LP) por não ter tantas músicas e não é um single, por não ter tão poucas músicas. A banda Divisão, formada em 2002 em Santos, entendeu essa dinâmica do mercado e colocou nos principais sites de streaming (Spotify, Itunes, Deezer, Google) seu mais novo EP, *Por Trás dos Traços*, o terceiro trabalho do quarteto.

São quatro novas composições que trazem o melhor do pop rock aos seus ouvidos. *Nada em Vão* abre o EP, Edmar Jardim puxa os primeiros versos com um pé no hip hop, mas a música muda de nuance em um piscar de olhos e entra a distorção de Leonardo Rodrigues na guitarra trazendo uma pitada de hard e tudo explode num refrão pra lá de inspirado. A cozinha da banda é afiadíssima, trabalho de primeira linha de Victor Araújo e Ricardo Borowski, no baixo e bateria,

respectivamente. *Como o Vento é* quase uma baladinha, Edmar consegue buscar o melhor de sua voz, os versos finais são emocionantes, canção de tiro curto, letra forte e que acerta em cheio. *Estar Aqui* vem cadenciada, mostra a maturidade do quarteto, baixão carrega a canção e o refrão é feito de super cola (aquela que não solta), desses que tu fica cantando o dia todo em apenas uma audição. Já satisfeito em ter ouvido as três primeiras faixas, guardaram a melhor pro final, *Brisa do Mar*, que pode ser um hino da cidade de Santos. Impossível ouvi-la e não ver o cenário descrito, não viajar com a letra e pensar “já vivi isso tudo”. Quero ouvir essa música tocando em rádios, sendo trilha sonora de alguma novela jovem. Que sacada genial o reggae fazendo a ponte depois do primeiro refrão. Pode deixar no

repeat, sem vergonha de ser feliz, se você se pegar sorrindo ouvindo essa, eu te digo: acontece.

Espero que a Divisão consiga vencer as fronteiras do litoral paulista, não restam dúvidas que o talento é evidente. São quatro composições inspiradas que não deixam a desejar para nenhuma banda de pop rock do cenário nacional. O negócio agora é arregaçar as mangas, divulgar isso e escrever mais umas cinco dessas. Santos sempre foi um grande berço do rock, Divisão é uma dessas boas crias da cidade. Pegue a bike, coloque o fone de ouvido e vá ouvir dando um rolê na ciclovia da praia.

OUÇA ESTES E OUTROS ÁLBUNS
EM NOSSAS PLAYLISTS NO
SPOTIFY. SIGA TU_REVISTA



CLÁSSICO DA TU EXODUS

BOB MARLEY & THE WAILERS
LANÇAMENTO | ANO 1977

Homens armados invadem uma casa. Tiros são ouvidos. Um homem e uma mulher são atingidos. Ela, na cabeça, e ele por uma bala que atravessa seu peito e se aloja em seu braço esquerdo. Os criminosos fogem pela noite sem deixar vestí-

gios e nunca mais são pegos. Esta cena, que poderia muito bem fazer parte de uma página policial, aconteceu em dezembro de 1976, em uma Jamaica tomada pela violência e hostilidade política que beirava o caos. O casal atingido eram ninguém mais que Bob Marley e sua esposa, Rita. Eles, como por um milagre, sobreviveram ao atentado. Mais milagrosamente ainda, apenas dois dias depois do ataque, com curativos no peito e no braço, Marley se apresentou por mais de uma hora diante de mais de 80 mil pessoas, no concerto Smile Jamaica.

Deste acontecimento e do espírito de resistência de Bob, nasceu a semente de uns dos melhores álbuns de reggae de todos os tempos. Logo após o atentado e o show, Bob Marley decidiu se exilar no Reino Unido, com medo que os assassinos voltassem para terminar o serviço.

E lá nasceu *Exodus*. Seguindo o ritmo do baixo de Aston Barrett e da bateria do seu irmão Carlton, solos do guitarrista Julian "Junior" Marvin e coroado com o vocal marcante de Bob. O disco é repleto de influências de blues, funk e rock britânico, fugindo totalmente do estilo do reggae tocado naquela época e delimitando um marco na história deste estilo.

O álbum começa com a genial *Natural Mystic*, em um *fade in* do baixo batendo fundo e da guitarra invadindo seu ouvido lentamente, quando a bateria de Carlton traz um Bob Marley cantando sobre as injustiças da vida. Salpicadas de blues, na guitarra de Julian, e os metais, fazem desse som um clássico. Em *So Much Things to Say*, dá um recado direto para os que tentaram matá-lo: como os heróis jamaicanos do passado, que foram

perseguidos, só Jah vai poder julgá-lo. E o recado continua sendo dado na excelente *Guiltless*, onde os bandidos vão ter que viver com sua culpa. Dá-lhe urucubaca do Sr. Marley. Mas os destaque fica por conta da linha de baixo de Aston e do back vocal das I Threes. Um sintetizador anuncia *The Heathen*, onde Bob fala para os caídos se levantarem, para lutar outro dia, como se falasse dele mesmo em sua fuga ao exílio, e já embalando *Exodus*, carregada de influências funk. Baixo, metais, piano, percussão, sintetizador e trechos dignos de James Brown. Uma baita música. Um clássico seguido logo por outro. Jamming, com seu ritmo gostoso e dançante, contrasta com sua letra, que fala sobre resistência em tempos duros. “No bullet can stop us now, we need neither beg nor will we bow” (Nenhuma bala pode nos parar agora, não precisamos

nem implorar nem nos curvaremos). Já dá pra imaginar de onde vem essa referência. E se nas cinco primeiras músicas o tom é de protesto, a partir de Jamming elas tomam um tom mais de auto-ajuda, de positividade e de amor. Como *Waiting In Vain*, uma música de amor como as músicas de amor devem ser. O ponto alto fica por conta do solo gostoso, cheio de blues, bem no meio da música. E se o clima já estava amoroso, com a balada *Turn Your Lights Down Low*, ele chega nos “finalmentes”. A modelo Cindy Breakspeare, Miss Jamaica em 1976 e mãe de Damian Marley, fala que essa música foi escrita para ela em frente a sua casa em Londres. Não é de se surpreender que, com esse amor todo, Bob Marley seja conhecido pelo monte de filhos que deixou no mundo. Na sequência, toda a alegria e otimismo de *Three Little Birds*. Uma música envol-

vente e fácil de cantar. E fechando este álbum sensacional, *One Love (People Get Ready)*. Quase uma oração, mostra toda a devoção de Bob Marley pela filosofia Rastafari.

Com esta mistura de influência e as letras, o álbum foi um sucesso de crítica e venda. Em 1999, a revista Time escolheu Exodus como o melhor álbum do século XX e, em 2003, a Rolling Stones incluiu o disco entre os 500 melhores de todos os tempos. O álbum também tem mais faixas na coletânea Legend - o álbum de reggae mais vendido de todos os tempos - do que qualquer outros discos de Bob Marley. Por isso que o 40º aniversário deste clássico, completado neste ano, merece comemoração e nosso eterno respeito. TU

#EU SOU TU

fotos

\@carurosa \@thainaramacedod \@rahdardaque
\@dani_rodriguesdovalle \@andrenleite
\@georgiananaya \@lipe1717 \@adriano.v.santos
\@clicksdosan \@gugabarcelos \@mtmoretti
\@leandrogamafotografia \@marcialongboard
\@skate_eletrico_jlf \@amandadesza
\@eurobertamartinez \@andre3gomes \@paulinha_st
\@404.ape \@renatamacedod \@kellysahade
\@natylima17 \@denismoura \@assiralnunes
\@hiltonioneda \@nelsonmenezesjr \@guedesmelo
\@camikawa \@ninagagli \@retratista_nate \@nimgoing
\@ursulachiovatto \@danielawhaddad \@jcmota
\@philocanice \@rafaeldardaque \@ysa_menezes
\@mel.canada \@andrecosta13 \@malupaizz



TU

REVISTATU.COM.BR

  /TUREVISTASANTOS